Globethics Repository



Historia ponderada da filosofía moral e política [Weighted history of moral and political philosophy]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Caillé, Allain
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-14 10:00:43
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163378

No dia 31 de março, as tropas do Exército aquarteladas em Minas Gerais, sob o comando do general Olympio Mourão Filho, com o apoio do governador Magalhães Pinto, se insurgiram e marcharam em direção ao Rio de Janeiro. Um após outro, os comandos militares, supostamente fiéis a Jango, mudaram de posição e, sob a coordenação do general Odilo Denys, adotaram o rumo do golpe. O dispositivo militar, garantido pelo general Assis Brasil, chefe do Gabinete Militar, revelou extrema fragilidade.

Jango podia contar, no primeiro momento, com uma esquadrilha de oficiais nacionalistas da Aeronáutica, que se dispunha a despejar bombas sobre a coluna do general Mourão. Os fuzileiros navais, sob o comando do almirante nacionalista Cândido Aragão, tinham a possibilidade, também no primeiro momento, de assaltar o Palácio Guanabara e prender Lacerda, o que alcançaria grande repercussão nacional em favor do governo.

Jango preferiu capitular. Desautorizou as ações dos oficiais da Aeronáutica e dos fuzileiros navais. No dia 1º de abril, retirou-se do Palácio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, e voou para Brasília. Dali partiu depressa para o Rio Grande do Sul, donde, finalmente, sairia do País.

Em Brasília, o senador Auro de Moura Andrade, presidente do Congresso, declarou a Presidência da República vacante. No dia 9, o primeiro Ato Institucional deu início às cassações de mandatos e direitos políticos. O general Castelo Branco assumiu a chefia do governo, inaugurando a sucessão de generais-presidentes, que se prolongaria por 21 anos.

No dia 3 de abril, 1 milhão de pessoas desfilou, no Rio de Janeiro, na segunda Marcha da Família com Deus pela Liberdade. A sociedade estava claramente cindida. De um lado, a favor do rumo progressista e democrático, os trabalhadores. No lado contrário, a classe média em peso. O que chamamos de golpe militar teve inequívoco e poderoso apoio social. Funcionou como contra-revolução preventiva.

Trabalhadores e classe média iriam fazer a amarga experiência de dois decênios ditatoriais. Ao contrário de muitos países latino-americanos, era a primeira vez, em sua história, que o povo brasileiro se via sob o jugo de uma ditadura militar. Dessa experiência, que custou tantos sacrifícios aos melhores patriotas, surgiu finalmente a democracia difícil, que hoje molda a vida política nacional.

DESTAQUES DA SEMANA

Entrevistas da Semana

HISTÓRIA PONDERADA DA FILOSOFIA MORAL E POLÍTICA

Editora Unisinos lança mais um importante livro

Entrevista com Allain Caillé

Allain Caillé é membro do Movimento Antiutilitarista nas Ciências Sociais- MAUSS - e diretor da ***Revue du Mauss****. O Movimento faz uma crítica ao utilitarismo que vem sendo conduzida, desde o início dos anos 1980, por um grupo de intelectuais reunidos em torno do MAUSS —, cujas idéias são divulgadas pela* ***La Revue du Mauss****, publicada pela Editora La Découverte, em Paris. Alain Caillé é um dos organizadores junto com Christian. Lazzeri e Michel Senellart do livro* ***Histoire raisonnée de la philosophie morale e politique. Le bonheur et l´utile****, Paris: La Découverte, 2001, 756 pp. A Editora Unisinos, em mais um lançamento*

ousado[21]*, está publicando este livro com o título* ***História ponderada da filosofia moral e política.*** *O lançamento do livro, em português, pela Editora Unisinos, será feito durante este mês de abril.*
Sobre o livro, ***IHU On-Line*** *conversou com Allain Caillé. Eis a entrevista.*

***IHU On-Line*- Quais tem sido as repercussões do livro História ponderada da filosofia moral e política?**
Allain Caillé - Infelizmente, por enquanto, não tão grandes quanto esperávamos. As vendas estão boas, nada mais. Na verdade, o livro deveria ter sido editado em formato de bolso e em dois volumes. Parece-nos que o editor enganou-se ao publicá-lo em um único volume (apesar de ter uma ótima apresentação, cara demais para estudantes.) Houve algumas reações bem entusiásticas. Dentre elas, destaca-se a de Quentin Skinner, que elogiou o que ele considerou uma verdadeira proeza: ter conseguido reunir um grande número de autores que partilham mais ou menos a mesma perspectiva teórica. Em contrapartida, tivemos uma crítica negativa por parte do cronista filosófico do principal jornal francês (Le Monde), Roger-Pol Droit, rejeitando o próprio princípio do livro, isto é, a idéia de que possam existir problemáticas recorrentes através das épocas e das escolas filosóficas. Essa reação não nos surpreendeu nem um pouco. De fato, nosso projeto de uma "história racional" ataca a vulgata hiper-relativista dominante hoje em dia. Contudo, nossa história é perfeitamente "contextualista" (como dão testemunho as opiniões favoráveis de Quentin Skinner[22], o consagrado campeão da história contextualista): ela mostra a dependência das estratégias de resposta filosófica em relação ao contexto histórico, à diversidade dos "epistemas". Na França, porém, em filosofia, se por princípio não afirmamos a incomensurabilidade entre os autores, quase não somos ouvidos. Ora, é justamente este dogma que combatemos.

***IHU On-Line* - Que significado o senhor atribui ao fato de que esta obra esteja sendo traduzida para o português e publicada em uma universidade no sul do Brasil, a Unisinos?**
Allain Caillé- É uma grande satisfação para mim. Tenho relações de intercâmbio e de amizade com diversos sociólogos e economistas brasileiros (principalmente em Brasília, Recife e Salvador) que defendem, no Brasil, o que eu chamo de "paradigma da dádiva", inspirado no Ensaio Sobre a Dádiva, de Marcel Mauss, que representa para mim a arma mais útil para a construção de uma antropologia e uma visão da história e da sociedade antiutilitaristas.

***IHU On-Line*- Qual é a idéia central do livro? Mudaria hoje alguma das idéias publicadas no livro?**
Allain Caillé - A idéia central é que a história das doutrinas filosóficas (em filosofia moral e política), e depois das doutrinas em ciência social, pode (e deve, entre outras) ser lida como a história de uma confrontação sempre renascente – mesmo que ela renasça sob formas sempre diferentes em função dos contextos sociopolíticos históricos determinados – entre doutrinas que explicam a ação dos homens pelo interesse mais ou menos calculado e consideram que a sociedade deve ser construída a partir do interesse e da utilidade, e outras que, ao contrário,

[21] A Editora Unisinos lançou no mês de outubro de 2003 o ***Dicionário de ética e filosofia moral***. Confira a entrevista do diretor da editora, Carlos Alberto Gianotti, do vice-reitor da Unisinos, Prof. Dr. Pe. Marcelo Aquino, e de Monique Canto-Sperber, organizadora da referida obra no ***IHU On-Line*** n.º 75, de 15 de setembro de 2003.
[22] Deste autor a Editora Unisinos publicou em 2002 o livro **Hobbes e a teoria clássica do riso**.

afirmam que são levadas em conta, e devem sê-lo, muitas outras coisas além do interesse unicamente. Por exemplo, as paixões, o amor a Deus, a Lei moral, a philia ou a simpatia. Resumindo, esta história da filosofia é vista como a história de uma confrontação entre temáticas "utilitaristas" e temáticas "antiutilitaristas", deixando claro que esta confrontação pode muito bem aparecer num mesmo autor e, às vezes, na mesma página.

***IHU On-Line*- Como surgiu o Mauss? Qual é a importância de Marcel Mauss para nossos dias?**
Allain Caillé - O Mauss nasceu em 1981, de um encontro de economistas, sociólogos, antropólogos e também de filósofos, surpresos por estarem assistindo à volta expressiva de uma ideologia liberal que parecia vir sendo refutada há duas ou três décadas; e ainda mais surpresos e preocupados ao verem triunfar em toda parte, até em sociologia, história ou antropologia, um "modelo econômico", uma explicação econômica (pelo interesse calculado) da ação histórica e social. Isso provocou uma revolução na divisão do trabalho intelectual. Até então, os economistas tinham se limitado a explicar o que acontece no mercado de bens e serviços. A partir de então, queríamos explicar tudo (a religião, o crime, o amor, a política) pelo modelo econômico. E os próprios sociólogos estavam cedendo à moda. Pouco a pouco, descobrimos que aquilo era apenas a prefiguração da verdadeira revolução que iria gerar o mundo atual, a mundialização (globalização), isto é, uma supressão gradual da sociedade e do político no mercado, comparável à redução das ciências sociais e da filosofia política numa ciência econômica generalizada. A importância de Marcel Mauss vem do fato de ele nos mostrar que este homo economicus triunfante dos dias de hoje não é natural e eterno em nada, que na "sociedade primitiva" as relações sociais não são organizadas pelo mercado ou pelos contratos, mas por aquilo que ele chama de "tripla obrigação de dar, receber e retribuir"; (o que não significa que o "interesse" não tenha o seu lugar, mas trata-se de um interesse estruturado de outra forma, diferente daquele que predomina no mercado). Ainda hoje, esta descoberta tem implicações de considerável importância.

***IHU On-Line*- Como entendem os conceitos de "felicidade" e de "utilidade" e como eles se relacionam?**
Allain Caillé- Podemos e deveríamos discutir longamente sobre o assunto. Apenas observemos que para Bentham, o pai oficial do "utilitarismo", felicidade, utilidade e interesse são noções intercambiáveis.

***IHU On-Line*- Como o mercado define esses dois termos?**
Allain Caillé- Os economistas contemporâneos não falam mais em utilidade, mas em "preferências". A idéia que dá legitimidade à extensão indefinida do mercado, é que ninguém mais sabe em que consiste a utilidade real ou objetiva, nem o que traz a felicidade, e que deve então ser considerado "útil" somente aquilo que os indivíduos, subjetivamente, decretam como tal, seja isso efetivamente bom para eles ou não. Enfim, não há mais nenhuma outra forma de julgamento (inclusive, definitivamente, o julgamento moral) a não ser aquela do indivíduo que participa do mercado de acordo com o dinheiro de que dispõe.

***IHU On-Line*- Qual poderia ser hoje o aporte das religiões e das teologias para recompreender o conceito de felicidade?**
Allain Caillé- Para mim, a religião deve ser repensada à luz do que chamo de "paradigma da dádiva". Em suma, poderíamos mostrar que as morais religiosas ou leigas são sempre

reformulações do imperativo sociológico categórico primordial: a obrigação de dar, receber e retribuir. Em outras palavras, “sair de si” e mostrar-se generoso.

Entrevista da Semana II

NORDESTE FOI 'O MAIS PREJUDICADO' EM 64, DIZ FURTADO

Reproduzimos, a seguir, a entrevista com o economista Celso Furtado, publicada no jornal ***O Estado de S. Paulo*** *do dia 4/04/2004. Celso Furtado é membro da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento (Unesco) e presidente da Sudene. Foi ministro do Planejamento (governo João Goulart) e da Cultura (governo Sarney). É autor de* **Formação Econômica do Brasil***, apresentado no evento* Ciclo de Estudos sobre o Brasil*, promovido pelo IHU em 11 de setembro de 2003. De Celso Furtado publicamos um artigo na 64ª edição, de 16 de junho de 2003. Na entrevista a seguir, Furtado diz que o regime ampliou o atraso social na região e as Forças Armadas "foram enganadas".*

O regime militar sacrificou o Nordeste mais do que qualquer outra região do País. Havia ali um movimento social em andamento que apontava para outra direção e o regime ampliou o atraso da região. Essa é a opinião do economista Celso Furtado, que trabalhou como ministro e superintendente da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) dos três presidentes que antecederam o golpe de 64: Juscelino, Jânio e Jango. Um dos muitos políticos e técnicos brasileiros que tiveram seus direitos políticos cassados por 10 anos pelos militares, Furtado teve de partir para o exílio no Chile, depois Estados Unidos e França, onde ensinou durante 20 anos na Sorbonne, em Paris.

Furtado só voltou à política após a abertura, tendo sido embaixador do Brasil na Comunidade Européia e, mais tarde, ministro da Cultura do governo José Sarney. Hoje, analisando a situação criada em 1964, ele acredita que a morte do presidente John Kennedy talvez tenha precipitado a mudança da posição norte-americana em relação ao governo brasileiro, passando de um apoio claro por meio da Aliança para o Progresso para a cooperação com o golpe militar. Ele lembra que recebeu Edward Kennedy, o irmão e enviado do presidente americano, e que o próprio John Kennedy o recebeu, em Washington, muito interessado no que se fazia pelo desenvolvimento do Nordeste. Furtado acredita também que "as Forças Armadas foram enganadas", pressionadas pelos usineiros da região e por interesses econômicos do Sul, atiçados pelo então governador do Rio de Janeiro, Carlos Lacerda.

Nessa entrevista ao jornal ***O Estado de S. Paulo***, Furtado revela que, uma vez , advertiu João Goulart de que deveria se preparar para a hipótese de Carlos Lacerda sucedê-lo na Presidência. A resposta do presidente o surpreendeu: "Isso nunca. Esse homem foi o assassino do doutor Getúlio (Vargas)". Ele descreve Jango como um homem sempre disposto à acomodação (menos com Lacerda). E define o antigo governador fluminense como um "guerreiro nato", homem que só se agigantava brigando. Passados 40 anos, a impressão de Furtado é que a responsabilidade pelo golpe militar pode ser atribuída tanto a Jango quanto a Lacerda.

Estado - Qual o balanço que o senhor faz do período militar? Qual a motivação do golpe?
Celso Furtado - O balanço pode ser resumido de forma simples, o de um fracasso. A justificativa dos militares era apenas aumentar o poder do Estado, que estava desorganizado e sem comando. Quanto à motivação, depende da região do País. Tenho a impressão de que o Nordeste, onde eu estava na época, foi a região mais prejudicada pelo golpe. O Nordeste foi